

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO–
CAMPUS URUTAI
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM ENSINO DE
HUMANIDADE

IARA JACINTA GOMES

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

ESPECIALIZAÇÃO

URUTAI

2019

IARA JACINTA GOMES

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Artigo apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Federal Goiano, *Campus* URUTAI, como requisito Especialista em Ensino de Humanidade.

Orientador(a): Prof. Wesley Lima de Andrade

URUTAI

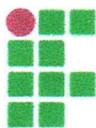
2019

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

GIA11p GOMES, IARA JACINTA
A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA
/ IARA JACINTA GOMES;orientadora Wesley Lima de
Andrade. -- Urutaí, 2019.
16 p.

Monografia (em LATO SENSU EM ENSINO DE
HUMANIDADES) -- Instituto Federal Goiano, Campus
Urutaí, 2019.

1. Ensino. 2. História. 3. Aluno. 4. Professor. 5.
Aprendizagem. I. Lima de Andrade, Wesley, orient.
II. Título.



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia - Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: *Sara Jacinta Gomes*

Matrícula:

Título do Trabalho: *A percepção dos alunos sobre o ensino de história*

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: ___/___/___

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Uniterai _____, 01/06/2019
Local Data

Sara Jacinta Gomes

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Wesley Lima de Andrade

Assinatura do(a) orientador(a)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO - CAMPUS URUTAÍ
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ENSINO DE HUMANIDADES

ATA DE DEFESA PÚBLICA Nº 23 - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU (ESPECIALIZAÇÃO) EM ENSINO DE HUMANIDADES

Ao primeiro dia do mês de junho do ano de dois mil e dezoito, às 07:00 horas, no Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, sob a presidência do Prof. Me. Wesley Lima de Andrade, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Iara Jacinta Gomes**, do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Humanidades, visando à obtenção do título de Especialista. A banca constituída pelos professores: **Wesley Lima de Andrade (orientador e presidente)**, **Cleber Cezar da Silva** e **Nathália Santos de Castro** foi indicada pela aluna e pelo orientador, com anuência da Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da Banca, e à candidata, das normas que regem a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir, a aluna passou à defesa de seu trabalho intitulado:

“ A percepção dos alunos sobre o ensino de História ” pelo período de 10

minutos. Encerrada a apresentação, a aluna foi arguida conforme deliberação do presidente da banca pelo período de 10 minutos, tendo igual tempo para responder às indagações. Após a arguição, procedeu-se ao julgamento. Apuradas as notas verificou-se que a candidata foi aprovada com a nota 8,3. Nada mais havendo a tratar, eu, Wesley Lima de Andrade, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada, segue assinada por seus integrantes.

Urutaí, 01 de junho de 2019.

Wesley Lima de Andrade
Prof. Me. Wesley Lima de Andrade - orientador e presidente

Cleber Cezar da Silva
Prof. Me. Cleber Cezar da Silva - membro titular

Nathália Santos de Castro
Prof.^a Ma. Nathália Santos de Castro - membro titular

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é fazer uma reflexão teórica sobre a percepção dos alunos sobre o ensino de história na atualidade. O interesse pelo tema surgiu diante da observação do cotidiano das instituições de ensino, onde, muitos alunos acabam criando aversão por disciplinas excessivamente teóricas e cuja postura dos professores é marcada por tradicionalismo, sem metodologias mais atrativas e um desses casos é o ensino de história. Nesse sentido, busca-se demonstrar o que os alunos acham dessa disciplina, o que dificulta sua aprendizagem e como essas aulas poderiam se tornar mais atrativas de forma a aguçar também a aprendizagem desses alunos. A metodologia utilizada na elaboração da pesquisa foi à revisão bibliográfica, baseada nas obras de autores como Andrade (2009), Alves e Rosa (2016), Winch e Medeiros (2001), dentre outros. Após essas discussões foi possível perceber que os alunos veem o ensino de História como algo necessário, porém, questionam muito a forma como as aulas são ministradas, especialmente porque há um trabalho excessivamente teórico e ligado ao livro didático, além do que, muitos assuntos não são vinculados a sua realidade, o que acaba gerando desinteresse pela disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. História. Aluno. Professor. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O Ensino de História, assim como de diversas outras disciplinas, muitas vezes ainda apresenta um tradicionalismo excessivo, onde o professor utiliza sempre as mesmas metodologias, em geral ligadas a oralidade, o quadro negro e o livro didático, o que acaba desmotivando muitos alunos que buscam aulas mais interativas e dinâmicas, onde possam participar e também auxiliar na produção do conhecimento. Com isto, com o passar dos anos, muitos alunos foram criando uma visão negativa em torno do ensino de História, o que afeta seu interesse e motivação para a aprendizagem dessa disciplina.

O interesse pelo tema desta pesquisa surgiu tanto de leituras teóricas sobre o ensino de História, como também da observação do cotidiano das instituições de ensino, onde muitos professores dessa disciplina não preocupam-se em variar metodologicamente suas aulas, em estimular a participação dos alunos, nem em fazer elos entre os conteúdos e sua realidade, o que acaba gerando desinteresse e pouco aproveitamento dos alunos em torno do que está sendo ensinado em sala de aula.

Diante disto, é interessante conhecer e discutir a visão que os alunos possuem do ensino de História na atualidade, o que já foi feito por diversas pesquisas e que pode orientar os educadores a terem uma postura diferente em sala de aula, tanto em relação a disciplina, como as fontes de pesquisa, metodologias utilizadas e interação entre o aluno e o conhecimento. Por isto, a necessidade de realização desta pesquisa que demonstra-se interessante e muito atual, pois aprender história é compreender a própria realidade.

Estabelece-se como objetivo para a pesquisa discutir os resultados demonstrados por outras pesquisas já realizadas em torno da visão dos alunos sobre o ensino de história na atualidade, evidenciando os aspectos negativos apontados e o que pode ser feito para gerar maior motivação e aprendizagem dentro dessa disciplina.

A metodologia utilizada na pesquisa é definida por Gil (2007, p.37) como pesquisa bibliográfica “uma pesquisa desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos. Esse tipo de pesquisa proporciona ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que poderia pesquisar diariamente”. Para Vergara (2000, p.49) “a pesquisa bibliográfica é importante, pois, proporciona um levantamento de informações sobre os aspectos que estão ligados a temática” e assim, foi possível alcançar os objetivos pré-definidos para esta pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O contexto histórico da disciplina de História no Brasil

A História como uma disciplina escolar passou por uma trajetória de muitas mudanças no Brasil, desde o momento em que foi implantada, no período colonial, até o momento em que programas foram construídos para que ela pudesse ser trabalhada no espaço escolar. De acordo com Andrade (2009, p.02):

Deve ser lembrado que a educação escolar, no período colonial, ficou a cargo dos padres jesuítas, que se estabeleceram no Brasil em 1549. Eles eram responsáveis pela catequização dos indígenas em algumas regiões e, em outras, pela fundação de colégios para atender aos grandes proprietários de terras e seus filhos (exceto as mulheres), tendo como princípio a formação

religiosa e humanística. As aulas ministradas eram aulas Régias nas quais era baseado o ensino vigente, não existiam dados referentes à disciplina de história.

Havia pouca interferência da coroa portuguesa no ensino desse período e era a Companhia de Jesus a responsável por seu desenvolvimento. Também não eram permitidas universidades no Brasil, o que possibilitava um maior controle da elite sobre a educação do país. Mas, aos poucos, especialmente no século XVIII as ideias iluministas passaram a se proliferar e a fazer parte dos conteúdos escolares. No Brasil, os jesuítas foram expulsos e grupos de leigos passam a tomar conta da educação, trazendo estruturas pedagógicas arcaicas. Sobre esse momento, Fonseca (2006, p.22) deixa claro que:

Trata-se de uma rejeição, mesmo que parcial, aos currículos desenvolvidos pelos jesuítas que implicou na sua substituição por outros que, considerados mais realistas e programáticos, contemplassem as ciências modernas, as línguas nacionais e os conhecimentos históricos e geográficos. Nesta época a história ainda não se constituía enquanto disciplina (FONSECA, 2006, p. 22).

Durante o governo de Marques de Pombal, a educação foi influenciada pelas propostas iluministas, era a classe dominante do país, porém, o principal foco da educação. Em relação a disciplina de História, ela chega ao Brasil no século XIX, juntamente com a História acadêmica. Nesse período era ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) o responsável pela organização dessa disciplina dentro do Colégio D. Pedro II, em 1837, no Rio de Janeiro. O modelo pedagógico adotado vinha da França e buscava-se desenvolver um ensino em prol da nacionalidade. De acordo com Fonseca

A afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos fizeram com que a história ocupasse posição central no conjunto de disciplinas escolares, pois lhe cabia apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria (FONSECA, 2006, p. 24).

Em 1930 diversas reformas alcançam a educação brasileira e é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, responsável por desenvolver a política de educação no país, norteando seus trabalhos na escola positivista. Em 1931 as

reformas promovidas por Francisco Campos buscavam tornar o ensino obrigatório em todo o território nacional, mas foram propostas que receberam diversas críticas, pois preocupavam-se muito mais com o nacionalismo do que em trazer propostas pedagógicas (FONSECA, 2006).

Seguida da reforma de Francisco Campos, tem-se a proposta de Gustavo Capanema, que buscava a inserção da História do Brasil como uma disciplina autônoma e científica. Mas, as matrizes curriculares dessa disciplina só foram definidas com a pressão da Igreja Católica que buscava a formação moral e cívica dos cidadãos através dessa disciplina. Andrade (2009,p.04) cita que:

A partir das décadas de 1960–1970, mudanças profundas ocorrem no país (ditadura militar) e atingem em cheio o campo educacional, e consequentemente a disciplina História perde lugar no currículo, na medida em que a pesquisa histórica passa a ser controlada. Para ilustrar, nesse período, o ensino de História nas escolas públicas era organizado, nos currículos, da seguinte maneira: 1ª fase – história da família, o bairro, o município, a cidade, o estado e o país; 2ª fase – história geral, antiga e contemporânea.

A globalização trouxe consigo a tecnologia, a intensificação dos processos de comunicação e também influenciou o campo educacional, momento em que a História já era uma disciplina mais autônoma e obrigatória no currículo da educação básica. Esse ensino também passou a ser altamente influenciado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) criados na década de 1990, passando a ser este o principal referencial do ensino de História no país. com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, novas orientações e propostas buscaram tornar o ensino dessa disciplina mais dinâmico e próximo a realidade dos alunos.

O Aluno, o Professor e a Disciplina de História

A Disciplina de história, assim como muitas outras é vista pelos alunos como algo repetitivo e, muitas vezes desnecessário ao seu cotidiano, o que lhes faz indagar, muitas vezes para que serviria o ensino de História? De acordo com Alves e Rosa (2016, p.35):

Pelo menos uma vez na vida um professor de História já ouviu de seus alunos que o conteúdo ministrado por ele nada acrescenta e m sua vida, pois passado é passado e não interfere no presente ou no futuro, em outras palavras, não tem interferência prática. Este fato é endossado pelo currículo que privilegia matérias técnicas em detrimento das disciplinas que analisam o campo social.

O aluno acaba desenvolvendo um desinteresse por essa disciplina, por vê-la totalmente desligada do seu cotidiano, baseada no positivismo, narrada de forma burocrática, por vezes repetitiva e sem nenhum tipo de argumentação ou contestação sobre os fatos. Parte desse desinteresse também é gerado pela falta de inovação dentro do processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História, já que o aluno vivencia a contradição entre o mundo cada vez mais moderno e tecnológico e uma disciplina que continua a ser ensinada da mesma forma.

A pesquisa realizada por Winch e Medeiros (2001) considera que os alunos percebem-se como sujeitos históricos, mas, muitos também acreditam que história é feita somente por historiadores. Há ainda os que consideram que essa disciplina trata apenas de fatos distantes de sua realidade, envolvendo apenas “grandes” homens e por isto algo muito afastado de sua realidade.

Winch e Medeiros (2001) também consideram que há aqueles alunos que relacionam a história com sua realidade e por isto consideram a importância de aprendê-la para que também possam compreender melhor o que está por vir. E por isto o autor evidencia a necessidade de redimensionar o tempo histórico, selecionando e organizando melhor os conteúdos, para que assim, os conteúdos possam ser questionados de acordo com a realidade vivenciada pelo aluno.

Nidelcoff (1993) cita que a percepção de muitos alunos é a de que, muitas vezes as aulas de História trazem conteúdos desnecessários a realidade dos alunos, ocupando um tempo que poderia ser gasto com outros conteúdos com maior contribuição para que os alunos compreendessem sua realidade e atuassem sobre a mesma. Assim, o autor considera:

Não basta ensinar “fatos que ocorreram no passado” para dar às crianças elementos para que compreendam o presente. Muitas maneiras erradas de dar História não se tornam apenas uma sucessão angustiante e inútil de nomes e datas, mas chegam a se tornar inibitórias para um enfoque posterior, mais inteligente, desses fatos.

A seleção destes conteúdos deve ser feita de forma planejada, onde a preocupação não deve ser com a memorização de dados, mas como o desenvolvimento da capacidade de análise do aluno, para que ele compreenda a

trajetória do homem, a história do lugar em que vive e sua própria realidade, sendo crítico e participativo na mesma.

Morin (2002) considera que para alguns alunos há um distanciamento entre sua realidade e a forma como os conteúdos são abordados em sala de aula, fazendo com que esses alunos vejam a história como “estrangeira””, ou seja, de maneira descontextualizada de tudo o que ele vive.

Como ligar o ensino de história à preocupação com o presente e com o futuro que os adolescentes podem experimentar? Essas questões colocam-se na realidade porque a história, aquela que os historiadores contam e tentam explicar e interpretar parece estranha ao que os homens fazem e experimentam. É essa estranheza da história que vou questionar inicialmente. Em seguida, vou tentar argumentar em favor da disciplina histórica mostrando que esse distanciamento da história com relação à vida é, na verdade, constituído do conhecimento histórico (MORIN,2002, p. 369)

É interessante, por isto, acabar com essa estranheza que marca o ensino de História, fazendo com que ele esteja mais próximo da realidade do aluno, pois assim pode auxiliá-lo na compreensão do passado, de sua realidade e a fazer projeções para o futuro.

Ciampi (2003) considera que essas problemáticas vivenciadas pelo ensino de História decorrem também da falta de ligação entre os cursos superiores com as escolas, ou seja, não há extensão do que é produzido nas pesquisas universitárias para as salas de aula, o que possibilitaria construir um ensino menos monótono e mais atrativo para os alunos.

Schmidt (2004) argumenta que por muito tempo o ensino de História baseou-se em um processo mecânico de aprendizagem, onde aos alunos era apresentado um conteúdo a ser decorado e reproduzido, posteriormente. Isto acontecia com datas, nomes, grandes fatos, entre outras questões. Mas, de acordo com Alves e Rosa (2016, p.36):

Contudo, as novas correntes pedagógicas em união com as vertentes históricas que surgiram durante o século XIX e XX logo questionaram a visão da História Positivista, fazendo por consequência suas análises permearem dentro das salas de aula possibilitando nas últimas décadas um estudo histórico mais amplo e didático.

Para que essa situação seja modificada é preciso que ao aluno e também a muitos professores seja demonstrado que o conhecimento histórico não é adquirido a partir de um dom do aluno, mas de pesquisas, descobertas e dedicação no processo

de ensino e aprendizagem. Para isto é preciso que a própria sala de aula seja modificada, para que os alunos descubram a História e a valorizem dentro do que ela pode oferecer para a compreensão do seu próprio cotidiano e da sociedade da qual ele faz parte.

Luck (2007, p.20) lembra que “os professores no esforço de levar seus alunos a aprender, o fazem de maneira a dar importância ao conteúdo em si e não à sua interligação com a situação da qual emerge, gerando a já clássica dissociação entre teoria e prática”. Impedir que isto ocorra só acontece quando o professor se torna consciente que o conhecimento não se esgota no espaço da escola e coloca o aluno diante desse conhecimento, fazendo com que as informações façam sentido para sua vida.

Modificar a forma como o ensino de História é levado aos alunos é pressuposto básico para seu sucesso e é preciso que sejam privilegiadas múltiplas variações, “o que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquele de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa” (PIAGET, 1973 apud ALVES e ROSA, 2016, p.05). ou seja, é importante e é interessante que o aluno seja alguém crítico, que constrói suas próprias visões sobre o conhecimento, que sabe argumentar e contestar e que não aceite, passivamente tudo o que os livros didáticos e demais fontes de ensino lhe impõe.

Mesmo que a sociedade atual valorize muito mais o presente, argumentando que ele está desvinculado do passado, o professor deve buscar alternativas para fazer com que o ensino de história seja reconciliado com os sujeitos, demonstrando aos alunos que, de forma constantemente e diária, eles também estão construindo a história. Para Alves e Rosa (2016, p.37) “para que isso ocorra o professor necessita transformar sua sala de aula em um grande laboratório, trocando por vezes livros por documentos que são acessíveis em sites como Biblioteca Nacional e outros arquivos de acesso público”. Ou seja, é preciso ampliar as fontes de informação para que a própria aprendizagem seja ampliada e aproximada da realidade e das necessidades dos alunos.

Sobre tal questão, Schmidt (2004) lembra que o ensino não pode chegar pronto ao aluno, ele precisa ser apresentado a ele, mas sua curiosidade precisa ser

estimulada para que ele também se torne um pesquisador, para que seja capaz de desenvolver seu próprio ponto de vista e por isto,

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas em problemáticas (SCHMIDT, 2004, p.57).

O aluno precisa, dessa maneira, ser envolvido com a História, compreender que ela é necessária para que ele entenda o meio e a sociedade onde ele vive, que conheça sua cultura, que desenvolva sua identidade a partir desse conhecimento (PCNs, Brasil, 1997). Esse mesmo ensino precisa valorizar e estar pautado na identidade nacional, permitindo que o aluno analise seu presente através do que aconteceu no passado, valorizando a memória do país.

Ensinar História é contribuir para a formação da cidadania do aluno, pois é muito mais difícil atuar em uma sociedade buscando para ela melhorias se não se compreende as problemáticas nela existentes e como elas surgiram. Assim, a disciplina de História coloca o aluno em contato com o social, com a cultura e com a realidade diversa de um mesmo local durante diferentes períodos históricos (ALVES e ROSA, 2016).

Winch e Medeiros (2001) argumentam que os depoimentos prestados por alunos demonstram que o uso de novas metodologias podem fazer com que as aulas de História tornem-se menos monótonas. Ficando evidente ainda que o conhecimento histórico é algo imprescindível para o aluno e pode auxiliá-los a refletir sobre os conteúdos de outras disciplinas, devendo ser estimulados a buscar outras fontes de conhecimento. Interagindo com os mesmos.

A figura do professor é de essencial importância nesse processo, pois é ele o responsável por planejar e colocar em prática o ensino de História. Assim como proposto por Brasil (1997) a educação como um todo deve preocupar-se com a formação ampla do sujeito, promovendo assim o seu desenvolvimento e consequentemente também contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. E por isto, o professor precisa buscar novas formas de ensinar, para adequar o ensino as necessidades do aluno e da sociedade da qual ele faz parte.

O ensino de História necessita de novos métodos, novas linguagens e a ampliação de suas fontes de conhecimento dentro da sala de aula, tornando assim o conhecimento mais atrativo e convidativo para o aluno. Sobre isto, Guimarães (2004, p.149) argumenta que:

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de História, reconhecemos não só a estreita ligação entre saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de re (construirmos) nosso conceito de ensino e aprendizagem.

O fato de ser o professor aquele quem exerce a função primordial de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do conteúdo histórico, ele também precisa qualificar-se para buscar novas alternativas metodológicas, selecionar conteúdos que aproximem o aluno do conhecimento histórico, fazer com que ele tenha postura ativa diante do conhecimento. Ele não tem função de ser apenas um educador, mas de estimular a cidadania nos alunos, já que a história tem “como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva” (FONSECA, 2003, p, 89).

A escola através do ensino de História precisa auxiliar no processo de formação dos indivíduos, possibilitando que eles sejam capazes de compreender o presente, a sociedade em que vivem, como o passado deixou resquícios para a atualidade e assim também tornarem-se pessoas mais críticas e participativas dentro desse meio. Para Caniato (1997, p.65):

A escola deve e pode ser o lugar onde, de maneira mais sistemática e orientada, aprendemos a Ler o Mundo e a interagir com ele. Ler o mundo significa aqui poder entender e interpretar o funcionamento da Natureza e as interações dos homens com ela e dos homens entre si. Na escola podemos exercitar, aferir e refletir sobre a Ação que praticamos e que é feita sobre nós. Isso não significa que só na escola se faça isso. Ela deve ser o lugar em que praticamos a Leitura do Mundo e a Interação com ele de maneira orientada, crítica e sistemática (CANIATO,1997, p.65).

Por isto, a importância do professor dentro da construção do conhecimento histórico, pois é ele que planeja a prática pedagógica, que precisa apresentar esse conhecimento ao aluno como algo importante e que está, constantemente presente em seu cotidiano. Assim, esse profissional utiliza suas próprias características e

conhecimentos para transformar saberes complexos em conhecimentos que possam ser transmitidos e ensinados aos alunos, de forma que, mais do que compreensão, ele seja capaz de refletir sobre o que aprendeu e como esses conhecimentos estão presentes no seu dia a dia.

O ensino de História carece ainda da prática e do hábito da pesquisa, pois de acordo com Freire (1996) o conteúdo de História não pode ser apresentado para ao aluno de forma pronta e estigmatizada, ao contrário, deve promover descobertas, instigá-lo a procurar outras fontes, a estabelecer comparações e assim, também dar origem a novos conhecimentos que o façam mais atuante e ativo dentro de sua própria aprendizagem.

Assim, Scheimer (2010) considera que para que os alunos estejam mais motivados para o ensino de História, é preciso que sejam desenvolvidos projetos interdisciplinares, pesquisas de campo, onde o aluno realmente seja um construtor de conhecimentos e se perceba como um sujeito histórico “e o professor seja o mediador dessas aprendizagens” (SCHEIMER, 2010, p.20). É uma construção necessária e que pode ser desenvolvida nas instituições de ensino aos poucos, buscando novas metodologias, abrindo oportunidades aos alunos, estimulando o uso de fontes históricas diversificadas, aproximando o aluno de sua realidade, enfim, fazendo com que ele seja ativo na produção do conhecimento e percebendo a aprendizagem da História como algo necessário para sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa demonstram que muitos profissionais do ensino de História ainda são apegados as metodologias tradicionais, muitas vezes negligenciando as tecnologias e a diversidade de metodologias que poderiam fazer parte de suas aulas, tornando-as mais interessantes e motivadoras para os alunos. Com isto, a tendência é que muitos alunos acabem criando uma visão negativa sobre a disciplina, considerando-a excessivamente teórica e muito desligada de sua realidade.

É preciso considerar que há diversas possibilidades de tornar as aulas de História mais prazerosas e interessantes, mas para isto o professor precisa sair de sua zona de conforto e também do centro desse processo de ensino e

aprendizagem, de forma a buscar novas metodologias, novas fontes de aprendizagem, dar espaço para o aluno, fazer com que interajam com o conhecimento e ainda que se aproximem de sua própria realidade. Sem que essas aulas possibilitem a compreensão de sua própria realidade, os alunos dificilmente irão se interessar pelas mesmas.

Assim, apesar do reconhecimento dos alunos em torno da disciplina de História e da sua importância na compreensão da realidade, percebendo-se enquanto sujeitos históricos, ainda há a necessidade de aproximar essa História da realidade do aluno, de forma que o professor torne essa disciplina algo vivo e contemporâneo, selecionando conteúdos, metodologias e tornando as aulas mais dinâmicas, interessantes e interativas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos Jordan Lapa; ROSA, Geder da Rocha. Uma reflexão sobre o ensino de História: um estudo de caso do processo de ensino-aprendizagem. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades**, junho de 2016

ANDRADE, Márcia Aparecida Vieira. **Concepção e ensino de história na proposta de reorientação curricular de Goiás do 6º ao 9º ano**. 2009. Disponível em <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IIISPHist09_MarciaAparraAndrade.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CANIATO, R. **Com Ciência na Educação**. 3ª reimpressão. Campinas: São Paulo. Papirus, 1997.

CIAMPI, H. O Processo do Conhecimento/pesquisa no ensino de história. In: **História & Ensino**: Revista do Laboratório de Ensino de História. Londrina . Eduel. 2003.

FONSECA, S. G.. A construção de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de história na educação; In: **Ensino de história**: sujeitos e práticas. Rio de Janeiro: Manud X: FAPERJ, 2007. (Trabalhos apresentados no V Encontro Nacional Perspectiva de Ensino de História, Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas, realizado no Rio de Janeiro, de 26 a 29 de julho de 2004. p. 149 – 156).

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **História & ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, P; **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad.: Eloá Jacobina. 7aed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

NIDELCOFF, Maria Tereza. **A escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Editora brasiliense, 1993.

SCHEIMER, Maria Delfina Teixeira. **Ensino de História e a Prática Educativa: projetos interdisciplinares**. 2010. Disponível em <https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico10/ENSINO%20DE%20HISTORIA%20E%20A%20PRATICA%20EDUCATIVA.pdf>. Acesso em 06 de janeiro de 2019.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

WINCH, Marta Valquiria; MEDEIROS, Elisabeth Weber. O Ensino da História: o olhar do aluno. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, V.2, n.1, p.37-48, 2001.